

Thereza Cristina Pusch

Procura do Azul



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

REITOR

Miguel Sanches Neto

VICE-REITOR

Ivo Mottin Demiate

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO E
ASSUNTOS CULTURAIS

Maria Salete Marcon Gomes Vaz

EDITORA UEPG

Beatriz Gomes Nadal

Thereza Cristina Pusch

Procura do Azul



Editora
UEPG

**Copyright © by Família de Thereza Cristina Pusch
& Editora UEPG**

EQUIPE EDITORIAL

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Beatriz Gomes Nadal

REVISÃO

Luiz Fernando Cheres

Rodrigo Pallú Martins

CAPA, PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Andressa Marcondes

Pusch, Thereza Cristina
P987 Procura do azul [livro eletrônico]/
Thereza Cristina Pusch- 2. ed. - Ponta
Grossa: UEPG/PROEX, 2023.
40p.

ISBN: 978-65-86967-67-8

1. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira. 3. Poesia contemporânea brasileira . I.
Pusch, Thereza Cristina . II. T.

CDD: B869.102

Elaborada por Rodrigo Pallú Martins – CRB 9/2034/O

Depósito legal na Biblioteca Nacional

Editora filiada à ABEU

Associação Brasileira das Editoras Universitárias

EDITORA UEPG

Praça Santos Andrade, n. 1

84030-900 – Ponta Grossa – Paraná

(42) 3220-3306

vendas.editora@uepg.br

www.editora.uepg.br

2023

Áspera como a terra e uma canção de amor

Com o lançamento de *Procura do Azul*, naquele distante 1980, o cenário da literatura de Ponta Grossa era surpreendido. O pequeno grande livro dizia um sonoro não a certas práticas assíduas por aqui: o uso de formas fixas como se fossem um cárcere obrigatório; a ditadura da rima; a preferência por termos supostamente mais poéticos que outros, mas amontoados em estrofes palavrosas; e o culto aos versos apenas descritivos, moralistas ou laudatórios. Enfim, esse livro era a negação ao vazio enclausurado em um embrulho desnecessário, apesar de correto.

Na literatura ponta-grossense, Thereza Cristina Pusch estava inserida em uma tradição de bons poetas, vinda de Brasil Pinheiro Machado, Anita Philipovsky e Adalto Gambassi de Araújo, entre tantos autores de relevo, embora seu discurso poético fosse único por aqui. Numa época em que publicar, principalmente publicar poesia, era muito difícil e oneroso, ela nos deixou um só livro, *Procura do Azul*, ainda que tivesse outros inúmeros poemas, quase todos, infelizmente, perdidos com a morte precoce da autora. Em termos de literatura brasileira,

Procura do Azul dialoga sobretudo com Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade. No exterior, o diálogo mais evidente se dá com a obra de Fernando Pessoa. Convém destacar que, sendo também professora do Curso de Letras da UEPG, ela acabou por participar do nascimento de toda uma geração de inspirados poetas e de leitores apaixonados pela poesia.

Na fruição da poética de Thereza Cristina Pusch, é provável que tenha uma apreciação privilegiada o leitor com alguma intimidade com a fenomenologia de Husserl e suas implicações na literatura. Isso tudo ela costumava abordar com seus alunos, notadamente no que diz respeito à apreensão dos fenômenos pela consciência, as reduções eidética e fenomenológica, os estratos da obra literária (estudados por Roman Ingarden e, entre nós, por Maria Luiza Ramos, entre outros), a palavra-objeto (referida por Sartre) e a obra aberta (na concepção de Umberto Eco), entre outros temas. No entanto, a ausência desse prévio conhecimento não impede o deleite da leitura, ou a formulação de hipóteses interpretativas coerentes: não se trata de uma poesia hermética, dirigida apenas a críticos de literatura, mas sim de textos repletos de sugestões, musicalidade e emoção. Como eu tive a felicidade de ser aluno de Thereza Cristina Pusch, além de admirador de sua obra, acabei por me dedicar à divulgação de seu legado e apresentei seus trabalhos a leitores diversos, em situações de absoluta informalidade; desses, alguns, mesmo confessando não terem percebido muito bem “o que ela quis dizer”, ficaram visivelmente emocionados, pois acharam tudo “triste” ou “muito bonito, mas triste”, algo que a fenomenologia da literatura chamaria de *intuição*

sensível, decorrente de fatores como o ritmo, a musicalidade e as imagens. Se, à primeira vista, os poemas de *Procura do Azul* possam parecer bastante simples, sem construções sintáticas rebuscadas ou palavras incomuns, como explicar a dificuldade no entendimento?

O fingidor, esse fingidor despido por Fernando Pessoa, finge simplicidade em *Procura do Azul* por vários meios, tais como o uso de minúsculas e a ausência de pontuação e de títulos nos poemas. Todavia, as escolhas vocabulares e sintáticas, ainda que privilegiem o singelo, são aplicadas em versos concisos, ricos em figuras de linguagem, especialmente imagens e metáforas originais e de ricas interpretações; ao mesmo tempo, os estratos fônico e ótico estão articulados com o conteúdo e o andamento dos poemas (ou, *do poema*, pois, embora cada texto tenha sua individualidade, nada impede que o livro seja lido como um único poema, onde há unidade e desenvolvimento temático). Quanto às ausências de títulos e de pontuação, com certeza elas favorecem a multiplicidade de leituras, importante característica do pós-moderno.

Navegando por objetividade e subjetividade, assim como fez Fernando Pessoa, nossa poeta transita entre o mundo dito real (“um horizonte de linhas retas”) e sua expressão poética (“e esse impetuoso imenso desejo de mar”), e marca o confronto entre paisagem exterior e paisagem interior. Thereza nos traz a contradição entre o lírico e a realidade do mundo físico, entre a expressão dos mistérios do real (atividade poética) e a vivência e compreensão do real (ocupação do filósofo, mas também do cidadão comum, no seu cotidiano tão físico e material quanto fugaz);

nisso, a poeta constata que ambos os termos dessa oposição são dolorosos. E nem poderia ser diferente: ao levar o real ao poema, esse real se vê transformado em poema:

*e já não era mais
azul*

*era azul pensado
azul palavra*

No texto, acumulam-se metáforas: mar, ondas, barcos, horizontes. E o azul. Em torno dessas metáforas, gravitam ausências, carências, desejos, solidão, esperança. A liberdade. O amor, e um coração visto como “cais inútil”, pois é “impossível qualquer viagem”. O poema dói. Estes são os últimos versos do livro:

*à sombra de antigas cidades
nasceu uma flor
áspera como a terra
e uma canção
de amor*

Procura do Azul é essencialmente lírico e traz importantes características do gênero, como a concisão, as repetições, a musicalidade e certa renúncia à coerência gramatical, lógica e formal. Entre as múltiplas sugestões apresentadas ao leitor, a procura pelo azul pode ser lida como procura pela poesia, pelo amor, por uma canção de amor e, em última análise, pela *consciência de*. E, talvez, não vá muito além disso

o que, agora, eu deveria dizer sobre *Procura do Azul*, já que explicar o lírico é impossível, já que a prosa será sempre incapaz de traduzir o poema. Apenas ao leitor, a cada leitor, cabem as dores e os prazeres do poema.

Luiz Fernando Cheres
2023

As transcarências do real¹

A observação de Pierre Reverdy, para quem “O real é, por sua presença, assassino de poesia e, por sua ausência, fonte de poesia”, pode ser também confirmada nos poemas de THEREZA CRISTINA PUSCH, paranaense do planalto de Ponta Grossa, professora universitária e, pelo que se vê neste livro, inteligentemente iniciada na produção da linguagem poética.

A sua **Procura do azul** (que se inscreve nas linhas de fruição da “Procura da poesia”, de Drummond) ilustra bem essa teoria da ausência como fundadora do real, não desse real empírico que assassina, mas desse que constitui a essência mesma da linguagem literária.

A poetisa sabe que “a grande poesia das coisas/ é não ultrapassarem/ sua própria matéria” e sublinha que, apesar das “ilusões de ótica”, “só o presente é real”. Entretanto, o que mais a perturba é “esse impetuoso desejo de mar/ na alma”. É a força desse desejo que estrutura a superfície e a profundidade de seu discurso poético. As metáforas do mar se espriam em conotações de portos, rochedos, viagens, ondas, docas, sal e conchas. Mas tudo isso não passa de projeções de outros horizontes marinhos na simbólica desses poemas, onde o mar (onde o amor) permanece na

¹Apresentação à 1ª edição

impossível viagem sempre adiada, como nestes
versos de beleza sensual e poética:

*há mares pequenos
derramados
nas mãos*

*e o mar imenso
na concha rude
sonha
adiado*

Como não ver na transparência desse “azul
palavra” as transcarências do mar (ou do amor)
que funda na linguagem o seu lugar de ausência
e ressonância?

*Gilberto Mendonça Teles
Rio de Janeiro, 16 de agosto de 1979*

A grande pureza das coisas
é serem apenas coisas
por isso são reais
e sua voz inconfundível
e serena

elas têm todas as palavras
que precisam
e precisam apenas

Poemas

a palavra que são
e a dizem
perfeita

a grande poesia das coisas
é não ultrapassarem
sua própria matéria
existem simplesmente
sem outra razão
ou propósito
que existir
Nem tudo que existe
existe realmente
a maioria das coisas
são apenas sombras
de outras coisas
que já foram
que ainda não são
vistas
por um telescópio

só o presente é real
e nesse presente
quantas ilusões de ótica

Nada mais incompleto
que o dia pleno
de sol
quando cada presença
traz uma sombra
e as sombras apenas existem
e passam
sem fazer ruídos
sem deixar marcas

Nada mais perfeito
que a noite funda
de silêncio
em que cada presença
é uma sombra
e as sombras apenas existem
e passam
sem fazer ruídos
sem deixar marcas

Tenho em mim uma presença
como um sonho
que me dissolve
oceano sem horizontes
e apenas um porto
entre rochedos

navego
e as ondas são azuis
e doces

depois

uma concha áspera
na mãos
ou apenas o sal
nos olhos
insones

A noite é um abismo aberto
em imagens
memória
sonho
fragmentos de consciência
imprecisa
e essa angústia sutil
do silêncio
ferindo

ah como é bom saber que a vida existe
apesar da noite

Nos olhos
um horizonte de linhas retas
trabalho inacabado de algum grande arquiteto
desconhecido
pequeno grande mundo limitado por traços
de esquadro
calculado em milímetros
nenhuma perda de espaço
tudo útil e utilizado
racionalmente
imóvel
real
perfeito

e esse impetuoso imenso desejo de mar
na alma

Mar todos os dias
grande ausente
sempre comigo
no meu desejo
mar tão meu
tão longe

mar das grandes viagens
prometidas
mar da minha sede
cansada
mar da falta de mar
mar ausente
sempre em mim
futuro

Neste mar não há portos
nem grandes viagens
nenhuma vela
nem mesmo a sombra de alguma nau
muito antiga

apenas o silêncio branco
da praia
e o mar aberto
horizontes

entre praia e mar meu coração
cais inútil
oscila

impossível qualquer viagem

e eu que tenho as malas feitas

Não quero o mar
não quero amar
o mar
é grande demais
e minha alma anda pequena
de sonhar
amar
o mar

quero o meu mar
o mar
que não amo
que preciso
gota e sal
em mim

porque minha alma anda pequena
e tenho sede

Grande mar das grandes viagens
prometidas para mais tarde
futuro
o teu sal não magoa
e é doce navegar-te
da praia
todos os portos além do horizonte
e nenhum naufrágio

. . .

Grande mar das grandes viagens
prometidas para mais tarde
guarda os teus segredos
todos os caminhos estão abertos
e os horizontes são claros
mas o tempo é de espera
e nenhum navio
partirá

. . .

Grande mar das grandes viagens
prometidas para mais tarde
amanhã
o vento cantará nas velas
longe
e sorrirás
azul
por sobre o abismo

. . .

Grande mar das grandes viagens
prometidas para mais tarde
depois de amanhã
haverá rochedos e praias e portos
e cidades à beira-mar
navegado
serás caminhos abertos
e horizontes seguros
não mais o azul
e anoitecerás

Os barcos na areia
são gigantes calados
e o que eles não dizem
está escrito nas velas
dobradas

Os barcos no mar
são barcos ao mar
velas abertas
na luz
sem memória ou futuro

Os barcos no azul
são vultos azuis
de velhas histórias
perdidas no vento
à espera da noite

Onda vem onda vai
a espuma branca
na areia branca
desenho breve
leve leve

Onda vai
onda vem
a espuma branca
na rocha áspera
mar prisioneiro
tatuagem
cicatriz

Os horizontes são claros
e cheios de sol
a esta hora

há mares pequenos
derramados
nas mãos

e o mar imenso
na concha rude
sonha
adiado

Na noite do mar
velas silenciosas
de antigos naufrágios
contam histórias
de portos serenos
por trás do horizonte

na noite do mar
a praia se cala
e os barcos na areia
sonham viagens
a terras longínquas
ocultas no azul

Além da última praia
existe um porto
e uma estrela
farol

os olhos pela janela
sonham
o mar é grande
e tem muitos caminhos

o mapa traçado na areia
todas as rotas
menos uma

horizontes abertos
velas abertas
voam
e a noite
no primeiro recife

o mar é grande
e tem muitos caminhos
azuis
dentro da noite

Há uma tristeza imensa
nas coisas todas
cheiro de mar
na vela rasgada
mastros partidos
restos de vento
atirados à praia
areia

nenhuma explicação
nenhum aviso
aconteceu
como a noite

Era azul azul
não havia palavras
era apenas azul
não é mais
nada pode ser tão azul
tão perfeitamente azul
foi apenas um minuto
um segundo
uma fração de segundo
e já não era mais
azul

era azul pensado
azul palavra
adjetivo
não era mais azul azul
era apenas azul
humanizado

Há mares antigos nos teus olhos
e silêncios de templos sob a tarde

dos meus caminhos inúteis
tenho os pés magoados
e os olhos feridos
desse teu sal

Há mares extintos nos meus olhos
e muros ásperos sob a luz

o vento que veio não trouxe canções
e o mar ficou mais longe
e a noite mais densa
nas mãos sobre a areia

Há mares fechados nos teus olhos

Há mares calados em minhas mãos

Quando for tempo
e vieres
chega de manso
sem ferir a tarde

do caminho nada tragas
nem mesmo a pedra
rara
que acaso descobriste

atira fora tuas malas
e teu casaco
despe a viagem
o cansaço e o medo
e o teu nome
despe-o também
e tua sombra

vem simplesmente
sem gesto
ou palavra
e toca-me
na aspereza aguda
do teu silêncio

Sobre a face neutra
do espelho
me debruço
e rompo os véus
de que compus
meu rosto

dos mares que naveguei
tenho o gesto marcado
de insônias e medo
e a memória aguda
de um porto

Sobre a face ácida
do espelho
me descubro
e minha nudez
é viagem cumprida
cicatriz

À sombra de antigas cidades
nasceu uma flor
áspera
como a terra

veio a filha do rei
e a rejeitou
e a sacerdotisa do templo
não a recolheu
mesmo a pequena camponesa
não a quis tocar

mas o recém-chegado
tomou-a nas mãos nuas
cingiu a fronte
e cantou

à sombra de antigas cidades
nasceu uma flor
áspera como a terra
e uma canção
de amor

A autora



Thereza Cristina Pusch

A professora e escritora Thereza Cristina Pusch nasceu em Castro, Paraná, em 28 de fevereiro de 1952, e faleceu precocemente em Curitiba, em 25 de maio de 2001, aos 49 anos. Era a filha primogênita da numerosa família de Eitel Pusch e Maria Thereza Manasses de Albuquerque, irmã de Maria do Rocio, Maria Zélia, Eitel Junior, Maria Lúcia, Maria Inez, Arthur Hugo, Bernardo, Josane, Dulce, Valter e Gisele.

Thereza, desde muito cedo, apresentou sérios problemas de visão; para conseguir ler,

quase encostava o rosto ao papel; na escola, sentava-se junto ao quadro de giz. Não distinguia cores, mas as sabia todas. Em *Procura do azul* exemplifica sua atitude de vida para contornar tais provações: “era azul pensado / azul palavra / adjetivo / não era mais azul azul / era apenas azul / humanizado”. A um leitor, certa feita e de certa maneira, vaticinou: “a vida me ensinou a cantar um certo azul”...

As dificuldades não a impediram de trilhar bem-sucedida carreira acadêmica. Participou de vários projetos de língua portuguesa, literatura e ensino; costumeiramente produzia e publicava ensaios científicos; na Universidade Estadual de Ponta Grossa, com retidão, chefiou o Departamento de Letras (1989-1993).

Ainda criança, mudou-se com sua família de Castro para Ponta Grossa. Ali, estudou no Colégio Estadual Regente Feijó e no Colégio Sant’Ana até a Escola Normal (com bolsa de estudos, por seu excelente desempenho escolar). Formou-se, com licenciatura em Letras, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, em 1974, o que permitiu que lecionasse em todos os níveis de ensino.

Apaixonada por linguagem e suas concepções, especializou-se em Alfabetização também pela UEPG, em 1992. Na sequência, outra paixão direcionou seus estudos: a literatura. Aprofundou-se, então, no mestrado em Letras pela Universidade Federal do Paraná, em 1996, concluído com a dissertação que teve por título “A palavra da lei na voz do poeta, uma leitura da metáfora em ordenações de Carlos Nejar”; curso que foi imediatamente seguido pelo doutorado em Letras na Universidade Estadual de

Campinas, o qual, devido às recorrentes hospitalizações por uma neoplasia e seu precoce passamento, não pôde ser concluído.

Sempre se destacou como aluna dedicada e estudiosa; desde menina, escrevia; a adolescência apurou seu talento. A inclinação para o verso era irresistível, muito embora também se tenha dedicado à prosa narrativa e à ensaística. Participou ativamente da exitosa I Feira Intercolegial Estudantil do Livro (FIEL), em Ponta Grossa, no ano de 1968, a qual acabou produzindo um livro – *Um jovem... é um jovem...*, publicado pela Gráfica Vicentina, de Curitiba, e lançado durante a FIEL, no Clube Pontagrossense. Nele, Thereza Cristina reflete sobre as incertezas de sua idade, no poema “Ilusão”. Entre os jovens autores, ao lado dela, estão Sérgio Monteiro Zan, Teresa Jussara Daitschmann, Josué Corrêa Fernandes e outros.

Em 1980, a Imprensa da Universidade Estadual de Ponta Grossa (na gestão do reitor Daniel Albach Tavares) publicou o seu livro *Procura do Azul*, agora reeditado. A obra conta com o prefácio do notável crítico literário Gilberto Mendonça Teles, que inscreve sua procura nas linhas de fruição da *Procura da poesia*, de Drummond: As transcarências do real (“há mares pequenos / derramados / nas mãos // e o mar imenso / na concha rude / sonha / adiado”). Escreve o crítico: “Como não ver na transparência desse ‘azul palavra’ as transcarências do mar (ou do amor) que funda na linguagem o seu lugar de ausência e ressonância?”

A respeito da obra de Thereza, além do importante prefácio de Gilberto Mendonça Teles, em sua fortuna crítica destaca-se o capítulo de

Luiz Fernando Cheres, “Procura do azul: a fenomenologia do poema em Thereza Cristina Pusch”, publicado no volume organizado por Luísa Cristina dos Santos, chamado *Literatura e mulher: das linhas às entrelinhas*, publicado pela Editora UEPG em 2002. A leitura de “Thereza Cristina Pusch: A incansável procura”, de Atilio Buturi Jr., publicado na revista *Uniletras*, de dezembro de 2004, também é recomendável.

Além de inúmeras publicações em periódicos, Thereza é uma das autoras da obra *Língua Portuguesa & Literatura – Educação de jovens e adultos - Ensino Médio*, junto com Julia Gerin, Rubi Rachel Nascimento e Sozângela Schemin, publicada pela Editora Educarte em 2000. O material didático-pedagógico reflete uma concepção de linguagem calcada na prática da leitura, do debate e da produção escrita.

Thereza Cristina realizou-se com a maternidade e teve três filhas: Clarice, Letícia e Thaís. No nome de Clarice, a óbvia alusão à Lispector e também à claridade e ao brilho; já Letícia deve-se à cidade colombiana, capital do departamento de Amazonas, Thereza valorizava o significado de alegria; o nome Thaís foi inspirado em “Meditação”, da ópera “Thaís” de Jules Massenet, e revela outra de suas paixões: a música.

Foi uma professora inesquecível para seus muitos alunos, principalmente porque sempre procurou transmitir seus ideais humanistas e a crença na possibilidade de superação das distorções sociais. Mulher forte, determinada, trabalhadora, idealista, solidária e apaixonada pela vida, Thereza Cristina Pusch foi uma pensadora que nos legou, por seu fazer, um esforço de expressão e realização do mundo, visto por

outras cores, carregadas de tonalidades ainda inexploradas, mas muito evidentes para a alma da poeta.

Post scriptum:

Registrem-se, à grande professora Thereza Cristina, meu respeito, minha homenagem, meu agradecimento e minha saudade.

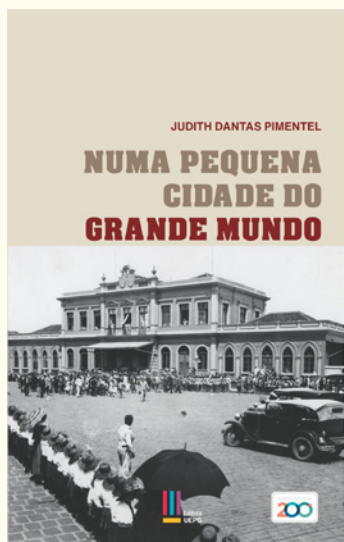
Agradecimentos também à Clarice Marques e família.

Luísa Cristina dos Santos Fontes
2023

Conheça outros títulos da Editora UEPG:



A Primavera voltará de *Emília Dantas Ribas* - “A Primavera Voltará” é um romance sobre Vanira, uma professora primária. Segue a linha de um romance psicológico, utilizando técnicas de fluxo de consciência e uma temporalidade não-linear. Suas personagens revelam profundidade numa trama simples, onde o maior mistério se encontra no que (ainda) não foi contado. Revela um amargo painel dos papéis de gênero na sociedade de então.



Numa pequena cidade do grande mundo de *Judith Dantas Pimentel* - “Numa pequena cidade do grande mundo” apresenta Ponta Grossa num cenário de transição entre vilarejo e cidade, tomando-o como pano de fundo para as histórias da família Dantas e de uma série de peculiaríssimos personagens princesinos que dão à narrativa muito de seu sabor e emoção. O livro de Judith quase chega a ter o cheiro das ruas da cidade. É tão universal que é capaz de encantar a todos que o leem, é tão familiar que parece nosso. Um longo caminho, da pequena cidade para o grande mundo.

